



PARÓQUIA DAS TROVAS



SÃO FRANCISCO

Nesta edição, participam com trabalhos nossos tradicionais trovadores e também um "convidado especial", tal como passou a ocorrer desde o último número. Quando um trovador é bastante criativo, inspirado e vencedor de vários concursos, chamados de Florais, a União Brasileira de Trovadores confere-lhe o título especial de "Magnífico Trovador". É o caso desse nosso convidado, o poeta **LUÍZ OTÁVIO**, também aclamado como Príncipe dos Trovadores do Brasil, que hoje é o coadjuntor de nossa Paróquia das Trovas.

Como de costume, enunciamos cada poeta com duas trovas em tema livre. No entanto, não podemos deixar passar o momento de reverência a "SÃO FRANCISCO DE ASSIS" (a festa é todo dia 4 de Outubro). Para isso, os trovadores nos enviaram uma terceira, que apresentamos a nossos leitores. Saibam todos que esse venerável santo dá-nos a honra de ser o Patrono dos Trovadores. A outra importante festa dá-se pelo aniversário natalício, nesse mesmo dia, de três amigos da Turma do Ibaté.

O nobre Prof. **JOÃO FRANCISCO DE BRITO RAMALHO** (1960-62), baiano que mora em Salvador e também o paulistano, que mora em São Paulo, o Dr. **PAULO FRANCISCO DA COSTA AGUIAR TOSCHI** e o PADRE **JOÃO RÍPOLI**, com paróquia na cidade de Ribeirão Preto-SP. Este não leva "Francisco" em seu nome, mas comprovadamente traz todas essas virtudes em seu coração e na prática diária do sacerdócio. A eles todos, os



PAULO FRANCISCO DA COSTA AGUIAR TOSCHI



JOÃO FRANCISCO DE BRITO RAMALHO

parabéns e nossos desejos de vida longa. Lembramos ainda que a devoção de Paulo Toschi a São Francisco é naturalmente mais incisiva e fervorosa do que a de todos nós juntos, pois na parte final de seu livro "Palavra de Seminarista", capítulo 10, ele refere, certamente com muita emoção, o que pensamos seja uma das essenciais características de sua identidade pessoal e que, por essa razão tornam-se muito poderosas suas orações.

"Minha certidão de batismo, cujo original guardo até hoje, menciona como meus padrinhos, São Francisco de Assis e Santa Teresinha do Menino Jesus, representados por Monsenhor Paulo e por minha avó Joana".

Esperamos, editores e leitores do Echus do Ibaté, que todos os "Franciscos" sintam-se aqui homenageados.

Obs. A estampa é uma das obras da artista plástica Juliana Fanchini, 2007, filha do ibateano Augusto Fanchini, 1960-1963.



JOÃO RÍPOLI, Pe.

São Francisco padroeiro
desta minha Taubaté,
protegei seu povo ordeiro,
peço com fervor e fé.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

Bendizando a ave e a flor
viver assim sempre quis
junto da paz e do amor
“Il poverello” de Assis.

Valdevino Soares de Oliveira (59/63)

Defender a natureza
estimar a criação,
São Francisco com certeza
é exemplo de inclusão.

Alfredo Barbieri (49/53)

“Il poverello”, Francisco
protetor dos animais,
trouxe-o a trova
sê-lo o santo dos florais.

Jaime Pina da Silveira (52/58)

Ex-aluno do Colégio São José

Pouso Alegre-MG-Padres Pavonianos

São Francisco era nobre,
apaixonado por Deus
e fez-se em tudo o mais pobre
Pra ter tesouros nos céus!

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

De Santa Clara amigo
o Fradezinho de Assis
sem conforto e sem abrigo
Viveu pobre e foi feliz.

Valdevino Soares de Oliveira (59/63)

São Francisco, oh! São Francisco,
protetor dos trovadores!
Fazer trova, eu só me arrisco
ao cantar os seus louvores.

Alberto Pimenta de Oliveira (53/58)

No amor e fraternidade
de São Francisco de Assis,
com certeza a humanidade
Seria bem mais feliz”...

Luiz Otávio - “Magnífico Trovador”

(O Príncipe dos Trovadores)

Coadjutor na Paróquia

MEU PADRINHO



Paulo Francisco da Costa Aguiar Toschi*

Quando eu nasci, no dia 4 de outubro de 1937, meus pais convidaram, para meu padrinho de batismo, o Sr. Giovanni e, para minha madrinha, a Sra. Maria Francisca. Como os dois não poderiam comparecer pessoalmente e como era costume de meus pais não deixar para depois o batismo das crianças, foram os dois representados, no dia 8 de outubro, pelo vigário de minha paróquia e por minha avó paterna. Mas, os nomes desses dois padrinhos não presentes ao ato de iniciação cristã constam da minha certidão de batismo. Há alguns anos, eu fui à Cúria Metropolitana de São Paulo, levar para o Cônego Antônio Triviño, que foi o padre que ministrou o meu batismo, uma xerox do original dessa certidão. O Padre Triviño, naquele longínquo 8 de outubro de 1937, era o coadjutor de nossa paróquia (recém ordenado) e o vigário da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo da Bela Vista não

iria celebrar, pois seria meu padrinho vivo, representando aquele espiritual que meus pais haviam escolhido.

Vou falar um pouco desse meu padrinho espiritual. O nome completo de minha madrinha espiritual era Maria Francisca Teresa Martin Guérin, mas, hoje, quero falar um pouco desse meu padrinho espiritual, cujo nome completo era Giovanni Di Pietro di Bernadone. Outrora, era comum os filhos serem assim denominados, pois o pai do meu padrinho era o rico comerciante da cidade de Assis, na Itália, Pietro di Bernadone dei Moriconi e sua mãe se chamava Pica Bourlemont.

Meu padrinho espiritual nasceu em 5 de julho de 1182, na cidade de Assis, tendo falecido em 3 de outubro de 1226,

com apenas 44 anos. Não sei dizer porque a festa religiosa em homenagem ao meu padrinho espiritual se dá em 4 de outubro, pois é costume da Igreja Católica festejar o dia de falecimento de seus santos, que, no caso, foi o dia 3 de outubro.

Eu fiquei muito feliz com a escolha de meus padrinhos, pois Giovanni era filho de um rico comerciante da cidade de Assis, e logo imaginei que iria, nos meus aniversários e nas festas de Natal, ganhar belos presentes. O mesmo eu não esperava de minha madrinha de batismo, pois o pai de Tereza Martin tinha fama de ser muito comedido, tanto que obrigava as filhas a se alimentarem de pão e água, dizendo que isto era uma mortificação a ser oferecida a Deus, em sinal de piedade. Mas, ledor engano meu. Não seriam presentes materiais que eu poderia receber de meu padrinho espiritual, pois este, que adotou o nome de Francisco (Francesco), passou a ser conhecido como Il Poverello, isto é, O Pobrezinho, pois abriu mão de todas as riquezas e foi viver, longe de casa, uma vida de amor a Deus e amor à criação divina. Cresceu tanto em sua espiritualidade que se tornou o fundador da importante ordem mendicante dos Frades Menores, conhecidos como Franciscanos, tendo renovado o Catolicismo de seu tempo. Sua história pode ser encontrada em muitos livros e estudos. Eu copiei dados na internet da Wikipédia.

“Depois de uma juventude irrequieta e mundana, voltou-se

para uma vida religiosa de completa pobreza. Com o hábito da pregação itinerante, quando os religiosos de seu tempo costumavam fixar-se em mosteiros, e com sua crença de que o Evangelho devia ser seguido à risca, imitando-se a vida de Cristo, desenvolveu uma profunda identificação com os problemas de seus semelhantes e com a humanidade do próprio Cristo. Sua atitude foi original também quando afirmou a bondade e a maravilha da Criação num tempo em que o mundo era visto como essencialmente mau, quando se dedicou aos mais pobres dos pobres, e quando amou todas as criaturas chamando-as de irmãos. Alguns estudiosos afirmam que sua visão positiva da natureza e do homem, que impregnou a imaginação de toda a sociedade de sua época, foi uma das forças primeiras que levaram à formação da filosofia da Renascença”

“Sua posição como um dos grandes santos da Cristandade se firmou enquanto ele ainda era vivo, e permanece inabalada. Foi canonizado pela Igreja Católica menos de dois anos após falecer, em 1228, e por seu apreço à natureza é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente”.

Muito eu teria para falar sobre o meu padrinho. Mas, prefiro encerrar com sua:



4 de Outubro Dia de SÃO FRANCISCO

**Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz
Onde houver ódio, que eu leve o amor
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão
Onde houver discórdia, que eu leve a união
Onde houver dúvida, que eu leve a fé.
Onde houver erro, que eu leve a verdade
Onde houver desespero, que eu leve a
esperança
Onde houver tristeza, que eu leve alegria
Onde houver trevas, que eu leve a luz!
Oh, mestre! Faizei que eu procure mais
Consolar que ser consolado
Compreender que ser compreendido
Amar que ser amado
Pois é dando que se recebe
É perdoando que se é perdoado
E é morrendo que se vive
Para a vida eterna!**

(*) Paulo Francisco Toschi, 81 (49/53) é advogado e bancário aposentado, sendo autor do Livro “PALAVRA DE SEMINARISTA” paulofranciscotoschi@yahoo.com

JESUS: DE ESQUERDA, DE DIREITA, DE CENTRO?!



Otto Dana*

A bem da verdade, o que é ser de esquerda, ser de direita, ou de centro? Afinal à esquerda de quem ou do que? À direita do que ou de quem? Que raio seria de ser de centro? Em que capítulos e versículos dos Evangelhos vamos encontrar estes qualificativos? Em nenhum, claro. Esquerda, direita, centro são categorias políticas modernas, cunhadas pela Revolução Francesa. São coisas do nosso vocabulário. Como, por exemplo, atribuir a Jesus o epíteto de revolucionário, reformador, contestador, ou conservador. É como se buscássemos nos Evangelhos saber se Jesus tinha título de eleitor. Ou em qual candidato Jesus votaria nas nossas próximas eleições: em Alckmin, em Ciro, em Lula ou em Bolsonaro? Ou melhor, será que Jesus votaria?...

Essas perguntas são inusitadas, exóticas, bizarras, pra quem faz uma leitura apenas piedosa dos Evangelhos. Mas não são inteiramente despropositadas. Afinal os Evangelhos admitem também uma leitura política. Jesus não se coloca apenas como objeto de devoção ou de fervorinho espiritual. Há um viés político e social na doutrina e na prática de Jesus. A espiritualidade não o isolou das tensões e conflitos da sua sociedade. Afinal, Ele não foi perseguido e executado só por ter ensinado o povo a rezar o Pai Nosso. A grande acusação que o vitimou era que Ele subvertia a ordem, contestava a

forma de entender o poder e o governo. Um poder e uma forma de exercê-lo para servir o povo e não para se servir do povo.

Jesus vivia e atuava num clima político agitado e tenso, seja pela presença policialesca do poder de Roma, seja pela pressão contínua das massas populares despojadas, premidas pelo total abandono. Enquanto as minorias privilegiadas se locupletavam no enriquecimento imoral e nas benesses do poder.

Jesus não foge a uma clara tomada de posição. Jesus não se coloca como um ser etéreo que se movimenta à margem dos conflitos de sua época. Participa e toma posição e fala a partir de um lugar social bem preciso. Ele sabe discernir as necessidades fundamentais do seu povo: doenças, fome, exclusão, abandono. E propugna pela instauração de uma sociedade diferente, outra, onde o poder não é para dominação do povo, mas para o seu serviço. Um poder solidário com as massas populares. Para Jesus, um poder não baseado na solidariedade não passa de uma mentira.

Diante disso, será Jesus um revolucionário, um reformador, um conservador? Hoje, Ele seria de esquerda, de direita, ou de centro?...Um alienado é que Ele não é.

(*) Pe.Otto Dana, 79 (54/58). Ordenação Presbiteral em 19.03.1967. Pároco Emérito da Igreja Sant'Ana em Rio Claro-SP, Diocese de Piracicaba. otto.dana@gmail.com



VILA DON PATTO

NATUREZA, LAZER & GASTRONOMIA

Em São Roque tem Seminário/Ibaté-formação,
Saboó, diversão, e agora,
Don Patto, que está de portas abertas
para recebê-los com um delicioso almoço
e um dia incrível de atrações.

- Culinária Portuguesa e Italiana -

Estrada do Vinho, km 2,5 – São Roque-SP
(11) 4711-3001
www.viladonpattro.com.br

FS

AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

Pirapora Matrix



Seminário de Pirapora do Bom Jesus

O conteúdo do espaço Pirapora Matrix é bastante variado e sempre em ligação direta com o Seminário dessa Ordem Premonstratense. Na presente edição, colocamos o belo e curioso texto de um ex-aluno. E encorajamos nossos leitores a examinar seus guardados ou mesmo suas novas criações, sejam memórias, poesias, crônicas ou ensaios... Que nos enviem (correio, e-mail, whatsapp - pode ser até manuscrito ou ditado por telefone), pois aqui poderão ser publicados. E nossos agradecimentos. O próximo número poderá estampar um texto de sua autoria! Colabore.

SAUDADES DA BATINA



Luiz Carlos Peres *

Outro dia, conversando, durante um evento cultural, com um grande sacerdote, de quem me honro de ser amigo, falando de hábitos e batinas, eu lhe disse, meio gracejando: “Padre X, eu tenho saudades de vê-lo de batina”. Com sua brilhante inteligência, ele captou, num átimo, todas as implicações da minha frase: de pilhéria, de saudade efetiva, de alguma crítica, de louvor à fidelidade, à capacidade de testemunho, de admiração pessoal, e rompeu numa gostosa gargalhada. Uma jovem senhora, que fazia parte de nosso pequeno grupo, entretanto, disse escandalizada: “Nossa! Mas que coisa tão retrógrada!...” Eu fiquei meio chocado, com aquela reação tão desproporcional ao clima da conversa, mas, reunindo o que me resta de tolerância, após todos estes anos, procurei explicar-lhe que eu disse que tinha saudades da figura do referido sacerdote com batina. Não estava querendo que ele voltasse a usar batina. Mas ela pouca atenção me deu, agitada, ainda, pela “blasfêmia” que acabara de ouvir. Eu guardei mais uns momentos e, com uma desculpa plausível, fui baixar em outra “freguesia”.

O momento de despertar é quando me acodem sempre muitas idéias sobre os mais variados assuntos. Umas boas, outras nem tanto. E mesmo as que me pareciam boas quando as concebi, quando, mais tarde, me disponho a pôr no

papel, verifico que não merecem o esforço. Hoje, ao acordar, veio-me à mente o referido episódio. O primeiro pensamento foi rápido: “Como é comum a intolerância no meio religioso! Não se pode nem ter saudades. Será que algum dos “ismos” do século passado chegava a tanto? Como vamos chegar ao ecumenismo, se entre nós não permitimos que se tenha saudades de uma coisa tão inofensiva como a batina? Nos primeiros anos da mudança, ainda vá lá. - “Não estejamos nós diante de um restaurador!” Mas depois de tantos anos...”

Outro pensamento que me ocorreu é o de que a saudade é efetivamente um sentimento “retrógrado”. Não, porém, no sentido pejorativo, com que mais freqüentemente se usa, mas no seu sentido de nos transportar ao passado. A saudade não pretende restaurar o passado. Ela é uma “máquina do tempo” que nos leva, por alguns segundos, ao passado e nos permite rever pessoas e situações que nos são caras; sentir cheiros, sabores; acariciar cabelos encanecidos; ouvir vozes há muito emudecidas, que diziam o nosso nome, como ninguém mais conseguiu dizer, sentir o contato cálido de abraços que nos enlaçam fortes, fazendo-nos perceber o palpitar dos corações; o beijo em nosso rosto, com o perfume do pó de arroz Coty, ou o roçar da face encarquilhada, áspera pela barba a fazer, com cheiro de fumo entranhado, que nos fazia adivinhar a sua presença, antes de vê-lo; e nos permite rever os padres de batina, com todo o cenário que ela significava: o hábito branco dos cônegos premonstratenses do querido seminário de Pirapora, cantando em gregoriano as horas canônicas nas estalas da capela gótica; o hábito negro da Irmã Valéria, que nos dava óleo de rícino, o hábito marrom de Frei Jacinto, do Embaré, asceta, piedoso, que flutuava desfiando as contas do rosário ao encaminhar-se às visitas aos doentes, num passo miúdo que me obrigava a quase correr, para poder acompanhá-lo; a batina violácea do bispo Dom Idílio, em toda a sua humildade, sendo paramentado para uma missa pontifical.



No contexto da batina, recordamos o sacerdote disponível, no confessional, no aconselhamento, nos enterros; que não tinha dias de folga nem horário de expediente, que fazia da celebração da Santa Missa o momento mais importante de todos os seus dias. Recordamo-nos do sacerdote piedoso, preparando-se para celebrar a Missa, como os salmos 85, 115 e 129; com orações próprias para antes da Missa, de Santo Ambrósio, de Santo Tomás de Aquino, à Virgem Maria, a S. José, aos Anjos e Santos e a fórmula de intenção de celebrar a missa de acordo com o rito da Igreja. Ao paramentar-se, rezava-se a oração própria de cada paramento, na medida em que os ia vestindo. Após a missa, a ação de graças era imprescindível. Além da oração pessoal, o Trium Puerorum, mais uma oração de Santo Tomás, a Anima Christi e principalmente a Oratio ad Vitam Sancte Ducendam, em que pedia a Deus que ressuscitasse nela as graças concedidas na ordenação e que o livrasse dos vícios de todos os pecados, de maneira que ele pudesse ser agradável a Deus até à morte.

Não havia desculpa que o afastasse da oração diária do terço e do breviário. No contexto da batina, recordamos o sacerdote que preparava a sua homília com todo o cuidado, buscando ao máximo ser um instrumento da graça, na conversão dos pecados e na santificação dos fiéis. No contexto da batina, lembramo-nos saudosos dos padres, cheios de sabedoria uns, pela sua virtude, sábios todos, pela seriedade dos seus estudos, que os fazia respeitados até pelos inimigos da Igreja. E a sua cultura era mais um testemunho a fortalecer a fé dos fiéis que, vendo-se mais ignorantes, não se permitiam dúvidas na Fé, que em homens tão cultos não estremecia.

Ter saudade da batina não é ter saudade de uma roupeta, cujo uso a qualquer momento poderia ser restaurado, sem maiores consequências. Ter saudade da batina é ter saudade do esplendor do culto, do Canto Gregoriano, da beleza da música polifônica, da qualidade dos cantores dos coros, muitos dos quais, ali deram os primeiros passos para uma brilhante carreira lírica.

A desvestição da batina coincidiu com o abandono de várias práticas, costumes e valores que nos deixaram saudades. Por isso temos saudades da batina, como símbolo de toda essa perda que a Igreja sofreu e que, segundo tudo indica, nunca (?) mais recuperará.

¹(*) LUIZ CARLOS PERES, estudou em Pirapora de 1943 a 1945. Foi advogado, bancário aposentado e professor. Morava em Santos-SP (20.12.1929 - 13.08.2011)

²A fotografia que ornamenta o presente texto é do embatinado amigo ibateano José Anchieta Alves da Costa (58/62)

PHOTANTIQUA



Aos pés do São José

Sr. João Contin, o querido faxineiro do Seminário - Domingos Sávio Amstalden - Padre Getúlio Vieira - Valdir Marino - Guelere Bacaicoa - Rovirso Aparecido Boldo e Luiz Roberto Soares. Agachado está um amigo acompanhante

Para-choque do Caminhão do Ubaté

**VELHO? SÓ VINHO,
PERFUME, DINHEIRO
E VIÚVA RICA!**



A PISCINA DE SÃO ROQUE



Joaquim Benedicto de Oliveira, Quinzinho *



Piscina do Ibaté - anos '50

A água era verde e sempre achei que por causa da vegetação que a cercava. Não me lembro do tratamento que a piscina sofria, se é que havia. Nada disso me incomodava. O que me interessava eram aqueles momentos de diversão e saúde. O proibido ficar fora d'água. Sempre fria, aquela água exigia permanente movimentação. Pular, mexer braços e pernas, atravessar de uma lateral à outra, brincar com a boia feita de câmara de pneu de caminhão e saltar da pedra que ficava como ornamentação e divisória do raso e do fundo. E nadar. Mergulhar no fundo utilizando o trampolim, só quem comprovadamente sabia nadar... e não tinha medo. Custei para ter coragem de mergulhar de lá: foi em pé, com olhos e nariz fechados. Um retumbante sucesso pessoal! Admirava o Walmir boiando de costas e chupando jabuticaba ou uva (não me lembro) e expulsando de sua boca para longe os carochos.

Às vezes, queria sair da água, tomar um pouco de sol. Mas a presença do padre ministro sempre impedia. Depois da morte do Jésus, evitava mergulhar do lugar onde partira ele para a eternidade. E quando por ali nadava, rezava por ele, com certo receio.

O medo me pegou no dia em que enrosquei o pé nas fitas que faziam da câmara uma boia para brincadeiras. Fiquei alguns segundos embaixo d'água com a sensação de que não conseguiria voltar à tona. Dessa vez, rezei por mim e, apavorado, me desvencilhei de minha prisão aquática. Naquele dia, o que restou do tempo de piscina foi ocasião de recuperar-me do susto e promessa de nunca mais brincar com a boia.

O medo acabou, e mudou para mim a simbologia da água: da origem da vida, passou a ser o fim da vida, como o fora para o Jésus. Eu não sabia que, a partir do Jésus, a água mudara da simbologia cristã para a mitologia egípcia em que ela simboliza também a morte e seu poder maléfico.

Como ponto de partida para a vida ou para a morte, a água é símbolo da gênese primordial. Assim, na piscina de São Roque, comecei, sem saber, meus estudos sobre simbologia.



Piscina do Ibaté - 2005

(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 81 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUC-SP - joka.oliveira@uol.com.br



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

COISAS DE VELHO



AUGUSTO JOSÉ CHAVEGATO*

Levantei-me às sete, às vezes me atraso, por exemplo, hoje sete minutos. Banho, café, empanturrei-me de remédios, um acabou-se. Fui à farmácia comprar... - remédio? - não, Bozó, um quilo de carne. Obrigado ao Mozar que me enviou um monte de vídeos do Chico Anízio. Chegando à farmácia, perdi a viagem, o sistema da Farmácia Popular estava fora do ar. Perguntei pra moça: quando volta? Ela disse: eu? - Você, não, meu bem, o sistema? Caiu-lhe a ficha: ah, telefona pra saber? Pedi-lhe marcar o telefone, ao que disse: o meu? - Não, da farmácia. Saí, aproveite-me catar um folheto no chão jogando no lixo. Costumo pegar papéis, copo de plástico, tudo e jogo nas lixeiras, mania de velhos. Coco-de-cachorro não cato, que apanhe quem por ali se aliviou.

Ao passar por um bar, entrei para esquentar o frio, embora não me conhecem, pedi: o de costume - olhou o rapaz esperando. Fiz um gesto dando um tantinho: café com um pouco de leite. Dei-lhe um punhado de moedas, umas vinte. O rapaz conferiu, sobrou uma. Pode ficar - disse. - Quer balas? Peguei: levo pros netos.

Passei a uma livraria olhando a vitrine. Espanando livros estava meu amigo, acenei bom dia!. Acho que sempre saúdo as pessoas, tenho certeza acender uma luz, um sorriso em suas vidas. Virei-me a cumprimentar todo mundo, como Guimarães Rosa diria, falo bom dia até a cavalo, coisas de velho.

Voltando-me em função de gari, sabem, já vi velhos japoneses, voluntários catando nas ruas, tudo, até chicletes. Invejo este país. A mais de cinquenta anos, vivi em Alemanha, ninguém jogava palito de fósforo, nada, só as folhas das árvores com seu direito de cair nas ruas, em outonos, antes que chega a neve, linda quando cai, o silêncio branco cobrindo as coisas e a vida. Uma manhã, no centro de Fulda, após tomar um café no Kaffee Tille com uma senhora, ao sairmos ela amassou a notinha, não jogou, caiu-lhe da mão, antes de pegar, um guarda rápido apanhou: senhora, por favor, aqui, indicando a lixeira. Na família desta senhora em que morei, mãe de seis filhos, frequentemente saíamos em picnic por campos e matas. Comíamos sanduíches e frutas, papéis e cascas voltavam pra casa religiosamente. Exagero de limpeza? Acho que não. A natureza é uma extensão de nossa casa. Mais, um alargamento de nosso corpo, da terra viemos e para ela voltaremos a virar raízes de vida, espero. Respeitar a natureza, tudo, os animais, mesmo os ratos que detesto. Fernando Pessoa me adverte: tudo o que acontece, tem uma razão de ser. Também as plantas, acham que é pouco viver?

Gisbert Cesbron (Ce que je crois, Ed. Seuil 1970 Paris). Sempre que passava pelo carro via uns arbustos ridiculamente podados: comovia-me às lágrimas. A esse ponto não chegarei, pegaria o dono, esculhambaria seus cabelos, se fosse careca, picharia de verde-amarelo-azul que rissem plantas, animais, até mesmo as pedras. Creio que a natureza não é uma coisa estranha que está aí, não é a outra, como Deus, que nela vivemos, nos movemos e vivemos. Nessa linha, creio que devemos reler Teillard de Chardin, Hymne de l'Univers (Ed. Seuil, 1961) e especialmente La messe sur le monde (1923). Faz tempo que li, tenho que tirar poeira, com cuidado.

Depois, fui ao banco, solicitando o cartão do banco, perdi, sei lá onde. Um rapaz me atendeu. Falei o número da conta, perguntando: percebeu que é um número, baixinho, quatro dígitos? É antigo, esta agência era pequena, todo mundo se conhecia, quando entrava, logo dizia: como vai Waldir? Perguntei ao funcionário: você conhece o Waldir? Antes que dissesse não, sacudindo a cabeça, cai-me no real: claro, você nem tinha nascido, mais de quarenta anos, acho que o Waldir morreu, que Deus o tenha. Coisas de velho...

Mal que termino, como vai minha saúde? Dá pro gasto, uma dor aqui, uma fisgada de lado, pernas cansadas, uma tontura... Minha mulher diz: Fofó, você tem que falar pro médico. Rebato: não carece, já sei o que ele vai falar. Pergunta: quantos anos tem? Digo tanto. Come bem, dorme bem, tá andando bem, etc.? Eu: tudo bem, o etc. mais ou menos. O médico: tá tomando aquela pilulinha azul? - Tô. Levantando-se: você vai longe - batendo em meus ombros, não se esquenta não, essa história de uma dor, aqui e ali, coisas de velho. Não é que ele tem razão?! A propósito, ocorre-me o que contava meu primo Luizinho, não sei se fato, se piada, esse primo era gozado, ria-se pra burro, ria muito mais que ele, recontava e ria, minha tia balançando a cabeça: esse aí é meio "baúco", louco, em vêneto: solta o rojão e vai buscar a vareta... Estava-se na fazenda, à noite, todos reunidos à salona, televisão nem tinha, rádio só se ligava quando tinha jogo, lia-se. Meu tio assinava uns três jornais, estava lendo A Gazeta, um Seleções Orlando, outro primo, lia O Município de Amparo. Interessou-lhe um anúncio, à venda um fordinho 28, em excelente preço. Disse a todos: vamos vê-lo amanhã, vou comprar, vendo minha égua e volto de carro. De manhã, foram, ele, Luizinho e Cyro. Bateram: pá... pá... pá... - não tinha campainha. Veio o dono, sem camisa, de chinelo: "querem ver o fordinho? Por aqui, tá lá, "- viram-no ao fundo do quintal. O fordinho estava meio torto, uma roda em cima de um monte de entulhos. Orlando achegou-se, abriu o capô, virando ao

dono confuso: “e o motor?!” O homem balançando a cabeça:” por esse preço acha que tinha motor?!”

Encerro com o médico: “meu caro, com 76 anos, um enfarto no lombo, um AVC, que você quisesse?!...”

Coisas de velho, é verdade. Ao primeiro do instante, ao primeiro berro olhando a luz, começa-se a aprender ser velho: nascer é um passo à velhice. Custei a saber que

(*) AUGUSTO JOSÉ CHIAVEGATO, 83, ex-aluno do Seminário do Ipiranga (54/57). Jornalista, poeta, professor, filósofo, teólogo. Por muitos anos lecionou do Seminário Central e na Puc-SP. Hoje está aposentado e mora em São Paulo 11-3873. 1114 augustochiavegato@globo.com

estava velho, de repente, fichas caíram, uma a uma. Hoje gosto de ser velho, mas é meio chato. Apesar de ser ranzinza, birrento, teimoso, apesar das amarguras da velhice, vive-se uma experiência única de se aproximar a Deus, cada vez mais. É bom derreter-se como um doce e se desfaz em ternura. Isso é tudo, coisas de velho.

BOLA DE GUDE E O SACERDÓCIO



SEBASTIÃO DESTEFANI REGHIN*



Estava eu, octogenário, contemplando o balançar das árvores do jardim, ao sopro da brisa suave numa dessas tardes de verão, quando o sol declinava no horizonte, deixando um rastro de raios coloridos no céu limpo, fenômeno raro em São Paulo da poluição. Repentinamente voltei à consciência sendo interrompido pela voz de minha mulher:

- Em que pensava, meu velho? Posso saber?

- Há lembranças que me parecem nítidas, outras perdidas na bruma do tempo. Às vezes me veem imagens lá de trás, de minha infância e ficam reverberando na minha memória, como se quisessem ressuscitar.

Frida é esposa atenciosa e paciente, não gosta de falar sobre idade. Guarda o segredo só pra ela. Apenas me autorizou dizer, que recentemente, fizemos bodas de ouro. Sem que ela fique ciente, arrisco-me revelar que ela é mais nova que eu apenas um lustro.

- Então fala, retrucou ela, por acaso é mais uma passagem de suas aventuras burlescas?

- Já que está curiosa, sendo esta uma das virtudes que campeiam entre todas as mulheres, eu pensava na minha história de infância.

- Que história é essa que não conheço?

- Era eu um menino franzino, de 12 anos incompletos, recém-chegado da roça, acanhado e meio atrapalhado até na fala, pois na roça o povo fala tudo errado mesmo. Aos poucos fui vencendo o medo e até vendia banana, ovos e outros produtos que meu irmão trazia do sítio no caminhão leiteiro. O sítio distava quatro léguas da cidade. Com esse dinheirinho alugava bicicleta, sem minha mãe saber. Um dia, passei na frente dela numa disparada que valeu uma repreensão daquelas. Engraxava sapato das pessoas que vinham pelas estradas poeirentas e certa vez, ofereci engraxar sapato a um homem descalço, foi o bastante para não levar uma surra daquelas se não corresse.

A casa onde vivia com minha mãe era muito simples numa rua de terra, onde mais passavam carroças e charretes do que automóvel. Hoje, totalmente asfaltada, tem um movimento impressionante de veículos; é a principal via de acesso à Fernão Dias, que liga São Paulo a Belo Horizonte.

Gostava de assistir à missa e ouvir o sermão do padre. Admirava a voz do celebrante, reboando

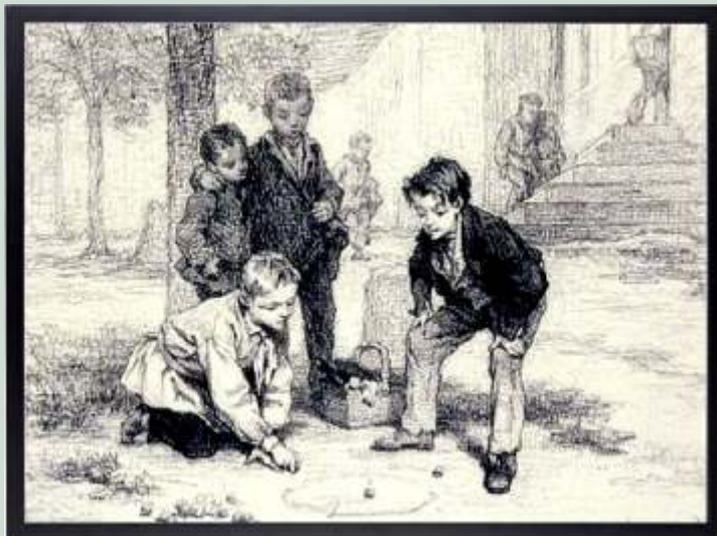
pela Igreja Matriz da Sagrada Família, Jesus, Maria e José, que dá proteção à cidade de Três Corações. O Rio Verde, nas suas curvas antes de cortar a cidade, delinea a figura de três corações. A rua direita termina numa ponte sobre o rio que dá acesso à estação de trem, onde às vezes me oferecia aos passageiros para carregar as malas e com isso ganhar uns trocados.

Nada a reclamar de minha infância, e com os amigos brincávamos de esconde-esconde, passar anel, esconder objetos. O que mais gostávamos de fazer era jogar bolinha de gude. Reuníamos os parceiros e passávamos horas e horas ali naquela rua de chão de terra batido. Esse jogo consistia em fazer cinco buraquinhos no chão, desenhando um círculo ou quadrado, sendo quatro fora e um dentro, bem no meio.

Aquele que primeiro colocava a bola de gude nas laterais e ocupava o do meio ganhava o jogo. Era muito divertido e exigia do jogador destreza e estratégia de defesa e ataque.

Certo dia, num sábado do mês de janeiro de 1952, próximo das onze da manhã, estávamos em partida acirrada e nem dávamos conta do sol escaldante em nossas cabeças. O suor descia em profusão e as gotículas umedeciam o solo empoeirado. Aí o inesperado aconteceu. Olhei de lado e vi algo escuro. Meus olhos percorrem

lentamente de baixo para cima e me deparei com um jovem sacerdote, com sua batina impecável, uma faixa cingindo a cintura, e outra que descia até a orla da batina. Sobre a cabeça, o chapéu de abas largas e retas, uma figura que contrastava com as nossas roupas rotas e pés descalços. Ficamos impressionados e interrompemos o jogo imediatamente. Levantamo-nos e ele sorriu para nós, saudando-nos com um “Deus os abençõe”. Esse jovem sacerdote era o Pe. João Maria César de Rezende. Estava ele em missão, arrebanhando crianças para o seminário. Olhou firmemente nos meus olhos como a me



Boys playing marbles - André-Henry Dargelas, 1860 (grafite)

hipnotizar e foi logo dizendo:

- Você não quer estudar para Padre?

Surpreendido pelo convite corri para falar com minha saudosa mãe. Dona Palmira era mulher religiosa, católica fervorosa, detentora de uma fé inquebrantável, muito feliz ficou pelo convite.

Um mês depois, em fevereiro de 1952, despedia-me dela numa comoção indescritível e com o coração partido, embarquei-me no trem da Rede Mineira de Viação, rumo ao Seminário de Aparecida do Norte.

(*) SEBASTIÃO DESTAFANI REGHIN, 80 (1954/58) - É hipnoterapeuta em São Paulo-SP 11 99128-9468 - sebastiaoreghin@gmail.com - www.acurapelahipnose.com.br

AMIGO DO IBATÉ

Para sua facilidade anote os diversos links, onde poderá se deliciar revendo as fotos dos nossos três últimos encontros ou escolher uma das edições do nosso ECHUS DO IBATÉ, da edição de número 1 até a última de número 157:

FOTOS XI ENCONTRO <https://www.flickr.com/photos/73582934@N08/sets/72157635493559385/>

FOTOS XIII ENCONTRO <https://goo.gl/photos/DCQCS9bMtPzr3Lp67>

FOTOS XIII ENCONTRO <https://goo.gl/photos/rCwQEbLeseCeVshL9>

EDIÇÕES ECHUS <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate>



SÃO FRANCISCO

Vinícius de Moraes

Lá vai São Francisco
pelo caminho
de pé descalço
tão pobrezinho
dormindo à noite
junto ao moinho
bebendo a água
do ribeirinho

Lá vai São Francisco
de pé no chão
levando nada
no seu surrão
dizendo ao vento
bom dia, amigo
dizendo ao fogo
saúde, irmão

Lá vai São Francisco
pelo caminho
levando ao colo
Jesuscristinho
fazendo festa
no menininho
contando histórias
pros passarinhos.



Dependência de álcool e outras drogas?

Entre em contato com o **Roberto Oliveira da Silva** Psicólogo com vários cursos na área da Dependência Química.

Dá assistência aos familiares, amigos e para o usuário.

EVITE situações que façam aumentar o sofrimento para você e para as pessoas que você ama
- faça a sua parte: procure ajuda.

O **Roberto** é do nosso time - **Turma do Ibaté (1970 - 1973)**

Ele convive com a complexa questão da Dependência Química há 8 anos. Seu trabalho é voluntário (gratuito) no Instituto Pinderê há 11 anos.

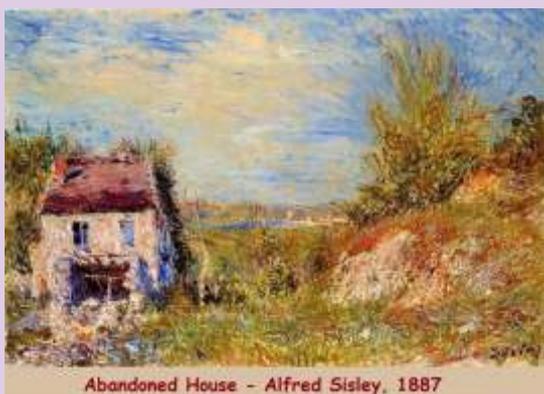
WhatsApp 11-95431-4413 - Tim | 11-98851-6786 - Claro | Instituto Pinderê - 11 5511-8153 (falar com a Bia)
e-mail: ccicm22@gmail.com

CASA VELHA



Valdevino Soares de Oliveira *

E a casa, à beira do caminho, continua fechada.
Sombria, o capim cresce ao seu redor,
o melãozinho de São Caetano trepa por suas paredes e calhas
e aranhas a envolvem com suas teias que brilham contra a luz do sol.
Quem a habitou já não existe mais.
Ninguém a quer como herança.
Esquecida de tudo e de todos,
vai sendo engolida pelo tempo e pelo mato.
Só lhe restam a solidão e o pio das aves agourentas.
É o retrato do mais completo abandono:

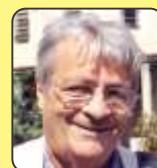


Abandoned House - Alfred Sisley, 1887

(*) Valdevino Soares de Oliveira, 59/63 - Professor universitário aposentado (Unesp)

Ninguém...
ninguém para abrir suas janelas
ninguém para enfeitar sua sala
ninguém para iluminar seus cantos
ninguém para nela se abrigar dos ventos e das tempestades
ninguém para se esconder do frio
ninguém para se saciar da fome e da sede
ninguém para nada.
Só o silêncio a envolve num sudário de sombras e melancolia.
Solitária, a casa esquecida aguarda o seu fim e só a velhice vigia
sua porta.

ANTÍTESES (Ocaso)



Jurandyr Amadi (51/57)



Num poente de cores e poesia,
se esconde o sol, sem pressa, atrás do monte,
retornando na aurora de outro dia,
em dourada paisagem no horizonte...

As aves, na tardinha que se esguia,
aconchegam-se em sono repousante
e, na alvorada, em bando esvoaçante,
cruzam os céus, chilreando de alegria...

Dia virá porém que meu poente,
sem cores, nem gorjeios encantados,
se extinguirá na noite de repente...

E meus sonhos, há tanto alcandorados,
já sem mais alvoradas no nascente,
serão quadros quiçá inacabados!

PARÓQUIA DAS TROVAS II

Para o inimigo os defeitos
e para o amigo as virtudes!
Tente trocar os sujeitos
pra ver se tu não te iludes!

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

Quando setembro chegar,
instala-se nova era,
há sinfonia no ar,
é tempo de PRIMAVERA

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

Quem é escravo da vingança
e de Deus esquece a Lei,
felicidade não alcança
e muito sofre, eu sei.

Alfredo Barbieri (49/53)

Preciso ler o Tolstói
Homero e Machiavel,
mas a cabeça me dói
e a boca amarga de fel.

Valdevino Soares de Oliveira (59/63)

Quando Deus criou o mundo
tudo em ordem Ele deixou.
Só ficou tudo mais lindo,
Porque o sol no céu brilhou.

Alberto Pimenta de Oliveira-Pipinudo (53/58)

Tempo, cavalo indomável,
que tento frear à toa,
qual Pégaso formidável,
quanto mais freio, mais voa...

Jaime Pina da Silveira (52/58)

Ex-aluno do Colégio São José
Pouso Alegre-MG - Padres Pavonianos.

Desconfio que a saudade
não gosta de ti, meu bem:
quando tu vens, ela vai...
quanto tu vais, ela vem!

**Luiz Otávio- “Magnífico Trovador”
(O Príncipe dos Trovadores)
Coadjuutor na Paróquia**

Trocou-se o bem pelo mal...
Estou do mundo cansado...
O errado agora é o normal
E o certo agora é o errado!

PRIMAVERA venturosa
das cigarras bem cantantes,
quando a tarde é mais gostosa
e as noites aconchegantes.

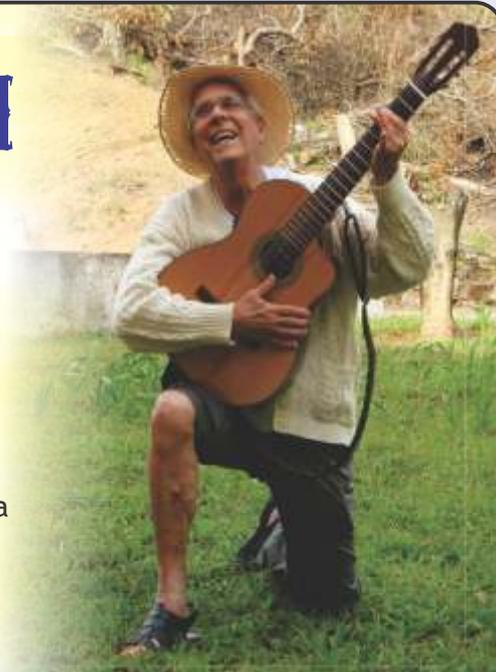
É companhia agradável
silenciosa e instrutiva
o livro é indispensável
a quem o saber cultiva.

Cervantes, o da comédia,
maior da Literatura,
fez em Quixote, a tragédia
do ser da triste figura.

Ouçõ ao longe uma canção
de suave melodia
que tocou meu coração,
porque fala de Maria.

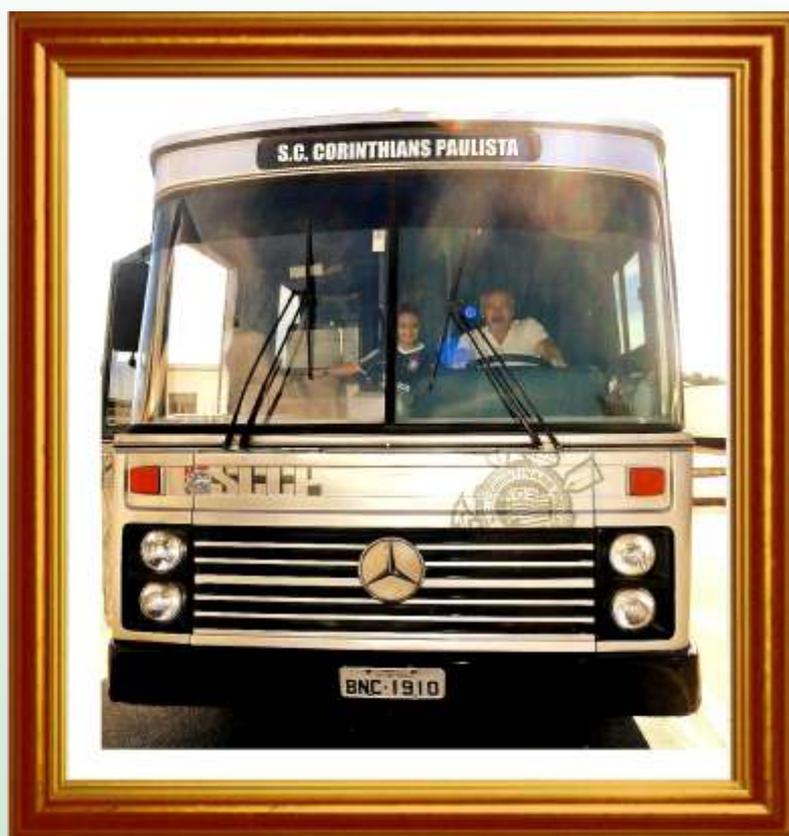
Não pode haver neste mundo
mentira, ó Deus, mais dóida
que aquela que vem do fundo
de uma lágrima fingida.

Toda noite, ao me deitar
(por certo você reprova),
eu me esqueço de rezar
e fico fazendo trova.



**Envie-nos você
também a sua trova**

PHOTHODIERNA



Quem não se lembra desse moço aí? É o Dino Zanardo Filho, turma de 1964. Um dos grandes goleiros que passou pelo Ibaté. Naqueles tempos, era um corinthiano roxo, todos sabíamos disso; uma grande vocação! Hoje, nem se fale!

NA CASA DO PAI

Faleceu no dia 24.09.2018, aos 83 anos de idade, o senhor ÉLCIO ROQUE BOCATTO: Morava em São Roque. Foi professor no Seminário do Ibaté de 1968 a 1962, professor em colégios da cidade e Diretor do jornal O DEMOCRATA.



ÉLCIO ROQUE BOCATTO

Faleceu no dia 05.10.2018, aos 86 anos de idade, o ibateano JOSE ELVERTH FERREIRA(53/54), mais conhecido no Seminário como Bardoega. Era artista plástico(pintura) e perito criminal da PF. Morava em Goiânia-GO e por muitos anos foi Professor na Universidade de Goiás.



JOSE ELVERTH

É PRIMAVERA



JOEL HIRENALDO BARBIERI*

É tempo de sonhar, é Primavera,
é tempo de curtir felicidade,
mais bela a estação da nova era,
o Inverno que passou já é saudade.

No estremecer de um beijo nas caladas,
o sol ardente acaricia as flores,
os passarinhos cantam nas ramadas
a festa e o expressar de seus amores.

A brisa sussurrante e se, alarde,
no auge do silêncio, bem de tarde,
olvida a minudência da quimera.

Lá fora se transforma a natureza,
cobrindo o céu e a terra de beleza.
É tempo de sonhar, é Primavera.



CANTA CIGARRA

Canta cigarra, canta. É Primavera!
Alegres e gárrulos passarinhos
preparam pressoros os seus ninhos,
e o sol no resplendor do céu impera.

É tempo de se amar, de ser amado,
de ouvir nas tarde quentes e fagueiras
o canto dos sabiás nas laranjeiras,
há flores a se abrir por todo o lado.

Destilam as ramagens, sem alarde,
cícios de ternura e nostalgia,
no auge do arrebol, no fim da tarde.

É tempo do aflorar da nova era,
de sonhos de ventura e de magia,
canta cigarra, canta. É Primavera.

(*) Joel Hirenaldo Barbieri, 80 (51/58), licenciado em Letras e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Aposentado no cargo de Diretor da Câmara Municipal de Taubaté. Escritor e Poeta. Membro da Academia Taubateana de Letras. joel.hirenaldo@terra.com.br



José Gomes Pinheiro
OAB/SP 36.636

Advocacia Cível e Criminal

Rua Tabatinguera, 140 - 12º Andar - Cj. 1215

São Paulo/SP (Próximo ao Metrô Sé)

E-mail: jgpinheiro@aasp.org.br

Tel: (11) 3115-2733

LIVRO + PAIXÃO = CULTURA

Já está se tornando uma tradição. Honrosa, por sinal. A cada edição do nosso Echus, a gente dá de cara com a notícia de que algum colega do Ibaté, seja de que período for, lançou um livro, fruto do empenho intelectual de cada um deles. Motivo de orgulho para grande Família Ibateana.

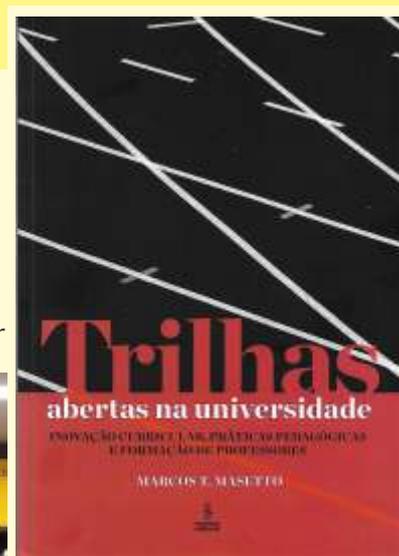
E nesta edição, a hora e a vez do colega Marcos Tarciso Masetto.

Foi no dia 29 de agosto de 2018, na “Livraria da Vila”, Shopping Pátio Higienópolis, em São Paulo- SP. O Título é *TRILHAS ABERTAS NA UNIVERSIDADE - Inovação curricular práticas pedagógicas e formação de professores, pela Summus Editora.*

Masetto, como é conhecido entre seus colegas, estudou no Seminário do Ibaté no período de 1949 a 1955. Um jurássico, com todo respeito... Depois de ordenado padre em 1962, foi para a PUC-SP onde trabalha há mais de 40 anos, lecionando e pesquisando. Tem, por sinal, inúmeros livros já publicados.

Nesse evento, a Família Ibateana esteve presente nas “ilustres figuras” dos colegas Walter Barelli, Wilson Mosca, Antonio Carlos Correa (Careca), Joaquim Benedicto de Oliveira (Quinzinho) e Atílio Brunacci

Parabéns, Masetto.
Avante, Ibaté.



O BOM LADRÃO

Faltavam poucas letras a Adão para ladrão, e ao fruto para furto não lhe faltava nenhuma. Enfim, ele e sua mulher (que muitas vezes são as terceiras) aquela só coisa que havia no mundo que não fosse sua, essa roubaram. Já temos a Adão eleito, já o temos com ofício, já temos ladrão. E quem foi que pagou o furto. Caso sobre todos admirável! Pagou o furto quem elegeu e quem deu o ofício ao ladrão. Quem elegeu e deu ofício a Adão foi Deus foi que pagou o furto tanto à sua custa, como sabemos

O que mais me admirou e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos e timoratos ou para emenda ou para cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam eles eloquentes mudos, que mais ofendem os reis com que calam, que com o que disserem.

Assim como Cristo, Senhor nosso, disse a Dimas: Hoje serás comigo no Paraíso, assim disse a Zaqueu, hoje entrou a salvação nesta tua casa. Mas o que muito se deve notar, e que a Dimas prometeu ao Senhor a salvação logo, e a Zaqueu não logo, senão muito depois. É por que, se ambos eram ladrão pobre, e não tinha com que restituir o que roubara, Zaqueu era ladrão rico, e tinha muito com que restituir.

Nem os reis podem ir ao Paraíso sem levar consigo ladrões, nem os ladrões podem ir ao Inferno sem levar consigo os reis (...) Mas o que vemos praticarem todos os reinos do mundo, é tanto pelo contrário, que em vez dos reis levarem consigo os ladrões ao Paraíso, os ladrões são que levam consigo os reis ao Inferno.



Padre Antônio Vieira (1608-1697)
pregado na Igreja da Misericórdia de Lisboa, 1655
fragmentos

CASO EDIFICANTE

José Lui*



Espelho, espelho meu...

Lá na minha terra, tinha um homem que nunca tinha visto espelho.

A primeira vez que ele viu um espelho ele pegou, olhou e...

- Nossa o retrato do meu pai!!!

Aí pegou o espelho e o guardou no fundo de uma mala e foi para a roça trabalhar muito encucado. Todos os dias, antes de ir para a roça, ele ia lá, pegava o espelho e... ah, o retrato do meu pai...

Asua filha vendo aquilo, começou a desconfiar:

- Acho que esse cara está vendo o retrato de alguma mulher. Ela também não conhecia espelho.

Quando ele saiu, ela foi, abriu a mala e pegou o espelho e:

- Bem que eu andava desconfiada, ele anda atrás dessa sirigaita.

Ai foi chamar a mãe, que também não conhecia espelho...

Então a velha falou: - Minha filha, será que ele tem coragem de ir atrás desse canhão!!!

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 30.09.2018	
POSIÇÃO EM 31.07.2018	12.506,71
ENTRADAS	
Contribuições e doações	875,00
Juros	102,32
TOTAL ENTRADAS	977,32
SAÍDAS	
Diagramação Echus 156	756,00
Despesas Correios	34,65
Despesas Bancárias	67,30
TOTAL SAÍDAS	857,95
SALDO ATUAL 30.09.2018	12.626,08
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.08.2018 a 30.09.2018, dos seguintes colegas: Antonio Carlos Corrêa (Careca), José Ecio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Justo da Silva, Roberto Lui, Vicente de Paulo Moraes e Wilson Mosca. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alberto Pimenta de Oliveira-Pipinudo, Alfredo Barbieri, Antônio Carlos Correa-Careca, Antônio Jurandyr Amadi, Augusto José Chiavegato, Jaime Pina da Silveira, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Luiz Carlos Peres, Luiz Otávio, Pe.Otto Dana, Sebastião Destefani Reghin, e Valdevino Soares de Oliveira.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

* E-mail : echus@zipmail.com.br ; echusdoibate@gmail.com

* Blog do Ibaté: www.ibate-sp.blogspot.com

* E-mail do Blog do Ibaté: ibate.sp@gmail.com

* "Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br

* Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br

* Twitter Amigos do Ibaté: <http://twitter.com/echusdoibate>

* Comunidade IBATEANOS no Facebook

* Echus do Ibaté nas nuvens: <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate>

Diagramação: Conexão Propaganda

